

VIDA FLUMINENSE

folha Illustrada



ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR
52 - 52 - 52

CORTE

Trimestre	55000
Semestre	105000
Anno	205000

PROVINCIAS

Semestre	115000
Anno	215000
Avulso	15000



*Othello e Iago no 3.º acto da immortal tragedia de Shakespeare.
(Os espectadores, vendo que se ia dar elle grande de se enredasse a scena da tragedia, tremaram tanto com os olhos dos seus olhos.)*

A VIDA FLUMINENSE

RIO, 20 DE MAIO DE 1871.

SUMMARIO

Se o fosse Rossi!—Sciagurato Brasil.—A grilheta.—A emancipação.—*Tobias or not Tobias*.—Como se adoe e como se desoe.—Abaixo esse!—Venha outro!—Venha outro!—Venha outro!—Um projecto qualquer!—Início-se!—O fio de Ariadne.—Ha dous annos.—Devo vir ou chorar?—Entenda-se lá!—O pai de tres bocas.—E ha quem assigne?—Dez contos de reis por dia.—Calote, bica!—Estados-Unidos e Belgica.—Ora, não me maste!—O Rossi e a Phnix Drammatica.—F. F. e R. R.—O Vasques.—Nichithey e et cetera e tal.

N'uma occasião d'estas é que sinto não sur Rossi, o grande Rossi!

Ah, se o fosse!

Se o fosse, punha agora um pé atrás, e com aquella voz repassada do mais intonso desespero, aquelle rosto contrahido, aquelle corpo convulso, aquelle olhar em que se retrata tão fielmente o mais acerbo padecimento, como Rossi, finalmente, no Otello ou bradaria:

— *Sciagurato Brasil!*

Desgraçado, desgraçadissimo Brasil, sim!

Tão opulento do riquezas, tão cheio de forças, e vendendo-se entretanto na cruel contingencia de caminhar passo a passo, como um decrepito, porque tom atada os pés uma grilheta mais pesada do que quantas tolheu os movimentos dos condemnados a trabalho forçado, a grilheta dos partidos políticos!

— *Sciagurato Brasil!*

* *

Vêde a questão da emancipação do elemento servil.

Quereis prova mais evidente?

Todos reclamam em alta grita, todos, sem excepção do matiz politico, sem excepção do jerarohia social.

Tobias or not Tobias! Como dizem em linguagom schakspeariana os habitué do Instituto dos cegos.

Emancipação ou morte!

Por causa do elemento servil, sohem, desoem, tornam a subir e tornam a descer os ministerios.

Nenhum tom, nem póde ter estabilidade, porque nenhum inicia a questão, porque nenhum dá o primeiro passo na trilha civilisadora, porque nenhum estabelece os primícios do grande problema!

— Ah! nada diz sobre a cousa! Então, abaixo, abaixo! Venha outro que não trato só de questiuuculas, que não se occupa só em arranjar afillados!

« Venha outro de vistas mais largas, que salvo o Imperio desse cancro horrivel que o desmoralisa tanto perante o mundo civilisado,

« Venha outro que, com as precisas cautellas, com o indispensavel juizo providencial, corte o nó gordio.

« Venha outro que apresente ás Camaras um projecto qualquer, bom ou mau. Os proclamos legisladores do paiz o discurrirão e com suas luzes o aperfeicirão a ponto de ficar sem um lado vulneravel, sem um defeito, sem um sonão por menor que seja.

« O que urge é começar sem perda de tempo, hoje mesmo, a discussão de uma questão tão vital para todos!»

« Início-se! Início-se a discussão! o assumpto está por demais estudado; carocemos, aponas, agora de um ponto qualquer de partida, do um fio de Ariadne, por mais emovellado que seja, e com elle sahiremos do labyrintho em que nos achamos!

Eis o que se ouve dizer ha dous annos no parlamento, na imprensa, nos clubs politicos, nas reuniões familiares, nas mais intimas palestras, em toda parte omfim!

* *

— *Sciagurato Brasil!*

O que se pede, como se pede não para a boca, é um projecto qualquer sobre emancipação. Não?

Entretanto!... (Nem sei se deova vir ou chorar). Entretanto o gabinete presidido pelo Sr. visconde do Rio Branco é guerrovo arazmente por fazer o que tanto se desejava que fosse feito,

Entendam lá esta nossa gente!

E para que se tornasse ainda mais comica a situação vê-se o *Diario do Rio de Janeiro*, folha conservadora, arvorada em trapeiro, a catar nos jornaes da opposição quantas verrinas inserem contra o ministerio, e a trausorevel-as nos seus *a pedidos*

* *

Uma das foijões mais caracteristicas da nossa politica é essa mesma; é ver uma folha, que se julga prestigiosa, jogar por tal sorte com um pau de tres bicos.

Pede o consegue imprimir não sei quantos rolatorios do governo: logo, é ministerial (isto é, encursorador).

Acóia o redige nos communicados artigos de arrancar couro e cabelo contra o gabinete, logo é opposicionista (isto é liberal)

Em seus debates vai além do conselho de ministros, chega até o Imperador, logo é anti-monarchista (isto é republicana).

E como não publica mais artigos odictoriaes, póde a sou bel prazer sustentar que soguo qualquer dos tres mencionados matizes politicos.

— *Sciagurato Brasil!*

* *

Entremes em outra ordem do idéas.

A questão dos bonds ainda não sahio do tela da discussão.

Não se conforma o publico com o empenho que mostra

a autoridade de livral-o de um encanimento, (tão comomodo para elle) de poder estar de pé nas plataformas.

Mas o que, para mim é de um grotesco sem igual, é o abair assignado que se promove por ahí, em que se diz á policia: deixe-nos essa liberdade, porque promettemos d'ora avante *apear-nos todas as vezes que alguma familia quizer entrar ou sair.*

Oh!

E ha quem assigne?

Ha quem confesse que, antes da prohibição da policia, tinha a descortezia de não dar o passo ás senhoras?

Então fez bem, fez muito bem a policia, vedando as aglomerações nas plataformas!

**

A proposito de bonds:

Li ha dias uma queixa contra a excessiva omissão de bilhetes das duas companhias.

«O gerente do *Botanical Garden Rail Road Company* troca diariamente em vales para cima de dez contos de réis!!! (dizia alguém com a mesma voz com que se costuma bradar: fujam! ahí vem um cão damnado!)

Que a cousa em si não é boa, ninguém o ignora, mormente com a facilidade que ha de falsificar vales, e com a facilidade ainda maior de dizer que são falsos.

Mas que querem? Se até elles são utilizados pelo thesouro nacional em seus pagamentos!

Se até.... (nada, e melhor ficar calado).

**

E como fallei em thesouro está-nos um importuno a dizer no ouvido que consure sem piedade o ex-ministro da fazenda por ter despedido o pessoal da fundição da moeda, dotrandaós moscas, um estabelecimento que tanto dinheiro tem custado, á mingua tantos empregados que nenhum erro de officio commetteram, e sujeitando o Imperio á vergonha de mandar vir dos Estados-Unidos todo seu papel moeda e da Belgica toda sua prata e todo seu cobre amodoados!

O que?!!!

Pois hei de propalar semelhante cousa?

Hoi de dar ao estrangueiro essa irrefragavel prova de nossa.... não sei que?

Nada!

Nem tão loviano sou eu! Vá dizer isso ao *Diario do Rio*, á *Reforma*, á *Republica* á *Semana Illustrada* e a outros importantes órgãos da opposição.

— Porem...

— Ora, não me masse, pelo amor de Deos!

**

Brilhante foi a recepção que os artistas da Phenix Dramatica fizeram ao incomparavel Rossi na noite do 18 do corrente.

Fogos cambiantes, musica, flores, versos, passarinhos... uma apoteose com todos os FF e RR, enfim!

Na porta do edificio foi o grande artista acolhido com verdadeiro entusiasmo por toda a companhia, que em grande *taillete* ali o esperava para acompanhal-o ao som de musica até o lugar de honra, que devia occupar na sala, a onde foi saudado por uma platéa regorgitando de admiradores.

Foram em seguida recitadas de scena diversas poesias, analogas ao acto, pelos artistas Eugenia Camara, Heller, Vasques, Guilherme, Amoedo etc., que todas mereceram applausos.

Dou em seguida a do *sympathie* Vasques, que foi talvez a que mais enthusiasmo excitou.

A' ERNESTO ROSSI

Fez-se a luz enfim, Rossi é conhecido,
Das trevas surge a arte pras teoiras
Saudando o astro rei que na passagem
Quiz illuminar a scena brasileira!
Ante a força do facho luminoso
Ninguem pôde duvidar da realessa
Rossi com seu nome empresta ao mundo
Talento, verdade e natureza!
Colosso d'arte! Roi! Poeta! Artista!
Eu te quero nesta hora bem modesto
Pra dizer-me o valor que dás na scena
A um simples olhar teu, ou phraso ou gesto!
Nenhum, tu me dirias; e com justiça
Quem pôde aquilatar os dotos teus?!
Os presentes que o céo concede assim
Só tem valor aos olhos do bom Deus!

A religião do calvario
Ensinou á christandade
Respeitar com vero culto
Uma *Sagrada Trindade!*
A religião do theatro
Ao actor manda que sinta
Veneração e respeito
Pela trindade distincta.
Ristori, Salvini e Rossi
Orgulho do mundo inteiro
São tres talentos distinctos
Mas um só deus ventadoiro.

(*Mostrando Rossi*)

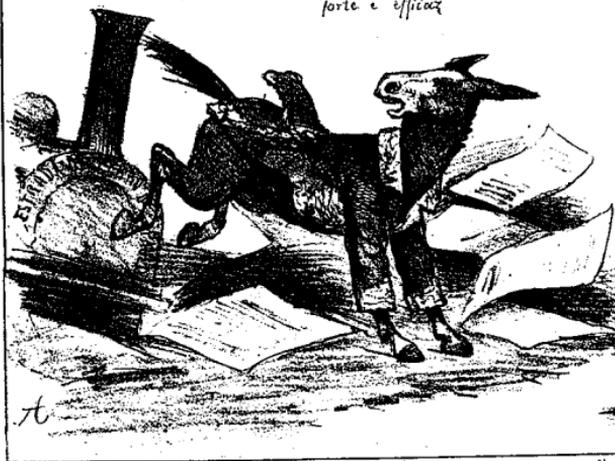
18 de Maio de 1871.

F. C. Vasques



Ainda tem

Publico - Vossa Ex^a deve comprehender que ha m^o tempo o publico soffre.....
 - A Authoridade - E que me importa a mim esses baquetellas, e preciso que o Sr. saiba que uma filha de minha mulher soffreu um beliscão a sahida de um bond. Parece-me que esta rusga é assaz forte e efficaç



Questão da estrutura de ferro de o Paulo.
 D'esta vez a pelle do leão foi substituida pela farda do presidente de provincia.

- É para as victimas francezas? ja diu mais
- Não Senhor é para...
- Para as victimas de Pinaes Ayres, não
- nos brasileiros si uia não acabados do se
- Não é para as victimas do e para...
- Para alguma offensa de coração?
- Não Sr. é para o Papa!

Constou o espectáculo das comelias brasileiras *O Nuro Othelo, O Typo Brasileiro e O Fechamento das Portas*.

No desempenho de tres papeis de generos tão differentes houve-se o Vasques com o talento que todos lhe conhecem, conseguindo no *Nuro Othelo* imitar com muita felicidade diversas inflexões e gestos tragicos do incomparavel Rossi, principalmente no final da comedia, quando caricaturou a morte do ciumento mouro.

O proprio Rossi rio a bandeiras desprezualas!

Moreceram tambem continuados applausos os demais artistas que representaram nessa noite.

Não preciso declarar que o theatro estava cheio como uma ante-sala de ministro em dia de audiençia.

Já se contava com isso.

Desejava que me dissessem que vantagens auferirá Metherby com o prolongamento da estrada de ferro da Villa-Nova, não se estabelecendo um consulado em qualquer dos pontos do seu litoral, na Ponta da Arã por exemplo, ou mesmo na aruação?

Seria bom que o digno administrador da provincia pensasse nisso.

Pensará?

A. DE C.

Assumpto de varias côres

O beneficio da Dubois — *Las princesses de la rampe* — *La nez d'argent* — A biographia de Emilia Adelaide. — A. E. Zaluar.

O publico jamais esquece as horns agradaveis que devo aos artistas conscienciosos e inteligentes.

E' prova d'isso o espectáculo que, a 17, subito a scena no theatro francez em beneficio de Dubois.

O nome do beneficiado e os creditos da peça que devia exhibir-se pela primeira vez entre nós, atrahiram, n'aquella noite, enorme concurrencia ao Alcazar.

Não havia um lugar vago: camarotes, cadeiras, galerias, corredores, escadas de communicação tudo fôra invadido por centenas de espectadores, avidos de pagar a Dubois o tributo de applausos devido ao seu talento comico.

Las princesses de la rampe é incontestavelmente um dos melhores saudeilles do repertorio francez. A aççõ corpe placida e livre de inverosimilhanças, de principio a fim; as situações são perfeitamente calculadas; e o dialogo ora comico, ora dramatico, agrada tanto aos que gostam de rir como aos que preferem a gargalhada expansiva as commoções que vão brandamente tocar n'alma.

A interpretação da peça, agradou geralmente. Mile. Delmary, Rostor e Dubois foram verdadeiras em todas as scenas do saudeille; e o publico, chamando-os ao

presencio no fim da peça, fez-lhes completa e inteira justiça.

Le Nez d'argent, comedia representada tambem a 17 é um qui pro quo engraçadissimo, que morece ser visto por quem tiver soffrido contrariedades durante o dia, e precisar dovirir-se um pouco de noite.

Já corro por ahí impressa a segunda edição da *Biographia de Emilia Adelaide* por Augusto Emilio Zaluar.

A elegancia do estylo, as observações judiciosas que o author faz em relaçaõ ao nosso theatro, e outros muitos attractivos do trabalho em questõ, tem-lhe dado a voga, de que é, na realidade, merecedor; e d'ahí vem que, esgotados os mil exemplares da primeira edição, leve o author de recorrer á segunda para acudir aos pedidos que os nossos principaes livreiros lhe faziam.

A indifferença pela leitura não é pois, louvado Deos, tao assustadora como alguns por ahí pretendem.

A. de A.

Rossi

Tratando de Ernesto Rossi disse eu na minha chronica passada:

« O futuro mostra-se, pois, risinho ao actor italiano, a quem, o julgar pelo modo porque foi acido na noite da estreia, o nosso publico reserva manifestações iguaes ás que outr'ora lhe mereceu o peregrino talento de Adelaide Ristori. »

O valcimo realizou-se.

O grande artista dramatico foi alvo, na noite de 15, de uma ovacão digna dello e do publico que lh'a fez. Nada faltou á esplendida festa.

A partir do terceiro acto do *Othelo*, inumeros bouquets vieram alcaitar a scena, outros lhe foram offerecidos dos camarotes, e o cantor Ordinas, para provar o enthusiasmo que lhe inspira o trabalho artistico do celebre tragico, poz-lhe na cabeça, uma rica coroa de louros.

Emilia Adelaide e Ismenia pagaram tambem o devido tributo de admiraçõ a aquelle talento excepcional, offerecendo-lhe valiosos bouquets de penas; e a companhia da *Phenix*, sempre na vanguarda todas as vezes que se trata de render homenagem aos artistas privilegiados, en-tregou-lhe, em scena, uma rica coroa sobre custosa almofada.

A grande explosão de enthusiasmo estava, porém, reservada para o fim do espectáculo.

O publico, entregue a um delirio de como não ha exemplo entre nós, não se cansava de applaudir; mais de trescentos ramalhetes de flôres naturais, cruzando-se no ar, vieram cair aos pés do artista predilecto; e para que nada faltasse aquella festa, d'as Franca Junior, o nosso inspi-rado poeta Rozendo Honã, travando da lyra, cantou em estrophes, que arrebataram o auditorio, as glorias immortales do divino interprete de SHAKSPEARE.

Que mais dizer-se acerca do grande artista italiano que ora se acha entre nós?

Nem eu sei.

Parante um delirio d'aquella esphera, é força ceder o campo ás intelligencias privilegiadas; e é por isso que,

abstendo-me de um trabalho superior ás minhas forças, ou completo este artigo transcrito de *América* alguns trechos devidos á pena do conselheiro Mendes Leal, um dos homens mais respeitadas da actual litteratura portugueza.

Tratando de Rossi, ois o que diz o abalissado escriptor:

« Rossi actor não se descreve, admira-se. Qual o genero predilecto d'esse orpudentoso talento? A comedia, o drama, a tragedia? Não se sabe. E' a verdade na variedade. Sublima-se na tragedia, porque o genero é sublime; mas não é de certo menor o esforço e o prodigio quando, desorientando effeitos inesperados na situação unica d'um melodrama fastidioso e cançado, levanta o pathetico á altura do tragico. Que destreza ou que pericia venceria hoje as longas e diffusas tiradas dos « Dois sargentos », as suas molas deceptivas, os seus visivos arames, a innocente transparencia de um descalço previsto desde as primeiras scenas? Pois Rossi exhibiu d'anguillo a commoção que pôe em lagrimas o auditorio! Faz-se admirar alli, depois de ser mostrado n'uma obra prima. Serviram-lhe de certo a pericia e a destreza; mas acima d'ellas estava o estro genial. E' tal, é tão perfeita a sua arte de dizer, que as trouxas prolixidades d'um estylo emphatico e desbordado tomaram na sua voz o calor e a vida, que sem ella nem seria possível encontrar-lhes.

« Isto sim, isto é animar, isto é reproduzir, isto é crear! Isto é ser actor!

« Nos caracteres delineados pelos grandes poetas está a alma que só espera um corpo; e assombro será já o achar corpo ajustado a tal alma. Mas onde não havia mais que um esboço vulgar, uma estatura grosseira, soprar-lhe o fogo que se lhe faz espirito, é renovar com fortuna as cousas de Prometheu!

« Sem exaggeração nem encarecimento, em hombros como os de Rossi cê de direito o manto augusto da arte, purpura que não será facil confundir; em mãos como aquellas é natural attributo o sceptro da scena, insignia que só confere o enthusiasmo espontaneo e unanime!

A. de A.

ROSSI

IMPRESSÕES DE OTHELLO

Continua o celebre tragico italiano a assombrar-nos com os prodigios do seu talento.

O espectador entra no salão do theatro lyrico, embora já lisongeiramente prevenido em favor do grande artista, mas involuntariamente sente o enthusiasmo, a admiração, a curiosidade, o pasmo, o terror apoderarem-se a um tempo de toda a sensibilidade de seu coração e de todas as potencias de sua alma.

Então o espectador já não vive de si, vive de uma nova existencia, da inspiração da arte, da idealidade do bello, que lhe transmite Rossi.

Na representação de *Othello* realisa-se inteiramente esta metempsychose em vida. A paixão feroz, o terrivel

ciúme, que subjugou o mouro desvaivado, parece penetrar em nosso espirito, ealdar o sangue nas veias e arrefecer as extremidades em um paroxismo do assombro.

Rossi durante os cinco longos actos da immortral criação de Shakespeare, não é um homem de nossa raça, nem da sociedade civilisada: não é elle, não é tú, leitor, não sou eu; é um ente selvagem, uma personificação ideal do barbaro, uma creatura infernal, mas ao mesmo passo sublime, que nos traz á memoria o anjo revel e o tigre Inelombo dos juncões da Asia.

Muda de voz, de gesto, e de propria natureza; rugo como o leão, pula como a panthera; as suas mãos quando affligio, rasgão; a sua colera, o seu odio, quando irrompem, têm lampojos de luz, deslumbraimentos sanguineos, o subito clarão das trevas, o pavor sinistro do abysmo.

Já no primeiro e segundo acto alguns toques fugitivos começam a revelar ao espectador o admiravel talento de Rossi.

Mas do 3º acto em diante, em que principia verdadeiramente a acção dramatica da immittavel composição do tragico inglez, é então que a inspiração se apodera do artista, o fogo sagrado accende-se no seu espirito, e o genio da arte se manifesta em todo o seu esplendor e em toda a plenitude de sua força imponente e magestosa.

O dialogo com Yago no 3º acto e o seu arrebatamento, as terriveis ancolodes do 4º acto, e finalmente as duas mortes e o suicidio do 5º acto, são trabalhos inexcedíveis, portentosas scenas, que fariam, se fosse possível ao autor do *Othello* assistir á interpretação de sua obra, pasmar diante da immortalidade de sua propria criação.

Em Rossi não ha só a facultade prodigiosa do talento que advinha; ha a observação, o estudo, o culto artistico da forma, que dão a cada um de seus gestos, a cada uma de suas expressões, um sentido elevado, uma revelação profunda, mas claramente comprehensivel.

E' preciso ver Rossi para ter fé na religião da arte, onde elle é mais que um sacerdote—é uma encarnação divina, uma emanção do espirito immortal.

Podemos enfim admirar, reproduzidas por elle, todas as soberanas creações do genio, no drama e na tragedia.

A presença de Rossi entre nós é uma admiração e um ensino.

As ovacões e o applauso são as uni as manifestações com que se pôde rebel-o.

ZALUAR.

Ernesto Rossi.



Othello.
Atto 5° - Scena ventunesima